

London, March 23, 2015.

**World TB Day Joint Op-ed by Members of Parliament Nick Herbert (United Kingdom) and Antonio Brito (Brazil)**

There are crises that are so terrible and urgent that they merit immediate attention: an outbreak of a killer disease that wreaks havoc across a region, or a natural disaster which leaves tens of thousands desperate and destitute. But there are others to which the world has become inured. Tragically the global tuberculosis epidemic, still killing 1.5 million people a year, is one of these.

The West once knew TB all too well. The disease was as common a century ago as flu is today. In the UK, it claimed the lives of luminaries such as Keats, Orwell and Emily Bronte. It featured in the popular culture of the day. It was responsible for as many as one in four deaths in Victorian England. Similarly, in Brazil it accounted for many lives and affected poets such as Castro Alves, Álvares Azevedo and Manuel Bandeira, who revealed their distress and suffering in their last pieces.

Yet today TB is a forgotten disease. Too many people in the West believe that the battle has been won when in much of the world it still rages. A vaccine, widely thought to be effective, in fact offers negligible protection. Now the disease has evolved into a new threat. The golden age of antibiotics has passed: drug resistant strains of the disease are emerging that are effectively impossible to treat. Only half of all patients with drug-resistant TB today successfully complete treatment.

22 years ago the WHO declared TB a 'global health emergency' but the world failed to mobilise sufficiently. Since then nearly 30 million lives have been lost. Some progress has been made, but at the current rate of reduction TB will remain a threat to public health for two hundred years. Since there is a close relation with poverty and social inequality, TB must be tackled not merely by clinical aspects, but through a social approach which promotes human rights, ethics and equity.

Calls to step up the global response have been led by the BRICS (Brazil, Russia, India, China and South Africa) nations, proposed by Dr Aaron Motsoaledi, South Africa's inspirational Health Minister. With some of the highest rates of TB in the world, these countries have launched one of the biggest diagnosis and treatment campaigns, showing what can be done. The proposed targets are to screen 90% of vulnerable populations and high risk groups, detect 90% of estimated TB cases and link all of them to treatment, and treat successfully 90% of TB patients initiated on treatment. The challenge is to repeat this success worldwide.

We believe that parliamentarians have a critical role to play. That is why both of us have joined the Global TB Caucus. A network of parliamentarians from around the world, the Caucus met for the first time in Barcelona late last year and launched a Declaration that articulates a vision for a world free from TB.

The launch of the Caucus has come at a critical time. The world is at a crossroads: we can urgently scale up existing interventions and invest to develop new ones – a road that the WHO estimates could lead to the elimination of TB within a generation – or we can continue on the same path, witnessing millions of lives lost in the years to come and risking an explosion of drug-resistance that could undo all progress.

Figures released today highlight the scale of the catastrophe that could unfold if drug resistant TB is allowed to spread. The economic impact will run into the tens of trillions of dollars. The disease will claim tens of millions of lives and threaten the health and wellbeing of hundreds of millions more. TB, the disease responsible for more lives in the world's history than any other, is anything but a problem of the past: it is a present and future threat. That is why we must act now.



RT Hon Nick Herbert



Deputado Antonio Brito



Brasília, 23 de março de 2015.

**Comunicado Conjunto dos Parlamentares Antonio Brito (Brasil) e Nick Herbert (Reino Unido) para o Dia Mundial de Luta Contra a Tuberculose**

Existem crises tão terríveis e urgentes que requerem atenção imediata: a epidemia de uma doença letal causando caos em determinada região, ou um desastre natural que deixa milhares de pessoas desamparadas e desabrigadas.

Existem, porém, outras crises com as quais o mundo tem se acomodado. Tragicamente, a pandemia global da tuberculose, que ainda mata um milhão e meio de pessoas por ano, é uma delas.

O ocidente já conheceu muito bem a tuberculose. A doença era tão comum no último século quanto a influenza é hoje. No Reino Unido, custou a vida de muitas personalidades como Keats, Orwell e Emily Bronte. Foi responsável por uma de cada quatro mortes na Inglaterra Vitoriana. Fazia parte da cultura popular da época. Similarmente, no Brasil, foi responsável pelo fim de muitas vidas e afetou poetas como Castro Alves, Álvares Azevedo e Manuel Bandeira, que expressaram seus sofrimentos em suas últimas obras.

Atualmente, a tuberculose é uma doença esquecida. A população do Ocidente acredita que esta batalha foi vencida, quando, em muitos países, a epidemia ainda é realidade. A vacina, que anteriormente era reconhecida como eficiente, na verdade, oferece proteção limitada. A doença agora evoluiu para uma nova ameaça. Os anos dourados dos antibióticos se passaram: cepas drogarresistentes da doença estão emergindo de forma que tem se tornado virtualmente impossível de tratar. Atualmente, apenas metade dos pacientes de tuberculose drogarresistente hoje completa o tratamento com sucesso.

Há 22 anos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a tuberculose como uma “emergência de saúde global”, mas o mundo não conseguiu se mobilizar de forma suficiente. Desde então, trinta milhões de vidas foram perdidas. Houve certo progresso, mas estima-se que com a redução atual, a doença permanecerá como uma ameaça à saúde pública por pelo menos duzentos anos. Por sua estreita relação com pobreza e desigualdade social, a tuberculose precisa ser enfrentada não apenas pelos aspectos clínicos da doença, mas por meio de uma abordagem mais abrangente que promova os direitos humanos, a ética e a equidade.

Os países dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) têm liderado a resposta ao problema global com a proposta do Ministro da Saúde da África do Sul, Dr. Aaron Motsoaledi. Considerados países de alta carga de TB no mundo, o bloco lançou uma das maiores campanhas de diagnóstico e tratamento, evidenciando o que pode ser feito. Trata-se de rastrear 90% dos casos de TB entre as populações mais vulneráveis, diagnosticar 90% dos casos estimados e vinculá-los aos serviços de saúde e curar 90% dos pacientes que iniciaram o tratamento. O desafio é reproduzir essa campanha no resto do mundo.

Acreditamos que os parlamentares desempenham um papel crucial nesse contexto. Por esse motivo, nos juntamos à Frente Global de Enfrentamento da Tuberculose, uma rede de parlamentares de todo o mundo que tem como visão um mundo livre da tuberculose. Como produto da primeira reunião da Frente, foi lançada a Declaração de Barcelona, onde parlamentos se comprometem com o enfrentamento eficaz da doença.

O lançamento dessa Frente ocorreu em um momento crítico. Estamos numa encruzilhada: podemos incrementar, em caráter de urgência, as intervenções existentes e investir no desenvolvimento de novas estratégias – um caminho que a OMS estima que poderá resultar na eliminação da tuberculose ainda nesta geração – ou podemos continuar onde estamos, testemunhando a perda de milhões de vidas nos anos que estão por vir e arriscando uma explosão da drogarresistência que pode reverter todo o progresso.

Os números divulgados no dia de hoje destacam o tamanho da catástrofe que poderá se desenrolar se a tuberculose resistente se espalhar. O impacto econômico aumentará em dezenas de trilhões de dólares. A doença tirará dezenas de milhões de vidas e ameaçará a saúde e bem estar de milhares de pessoas. Tuberculose, a doença que foi responsável por mais mortes na história mundial, é tudo, menos um problema do passado: é uma ameaça atual e futura. Por isso, é agora que devemos agir.

Deputado Antonio Brito

RT Hon Nick Herbert